

6 Dos Derrames – o trânsito e os pavores

(eman'ações – ainda sem forma)

6.1.Dos Diários

Vila Shanti, agosto de 2005

I

Até onde pode a libertação? Até onde ela lutará? Contra quem lutará? Quem serão os sujeitos da luta? Há de chegar o dia em que não teremos mais inimigos, nem mesmo o corpo mostrará sinais de resistência. Esse instante – cen'átimo – está fora do tempo, dentro de um espaço que forma uma cena, entretanto, imperceptível. Até onde pode o corpo? Ou seria porco, como diria Niña Hernandez.

II

Fica a idéia de que realmente precisamos ir ao Jardim Botânico, no mês de agosto, para ver as flores que se abrem somente nessa época do ano, como adverte Drummond. Foi justamente lá que confundiram a personagem dele com alguma personalidade, pois o general Geisel, morou nas vizinhanças. Achavam, imaginem só, que ele saía da casa do Geisel, quando, na verdade, apenas parou em frente à casa – sem imaginar que o general morava lá – e ficou a fitar o gato do então general presidente do Brasil. Sem dúvidas, só restam dúvidas para o dia de amanhã ou quiçá hoje ainda. O problema é a intensidade dos atos e feitos. Se forem demasiado intensos pegarão fogo, só restando cabelos e cinzas.

III

Saudades – eman’ação de descoberta por vir – de um amor, algo que identifico, por hora, apenas como “amor irapi”. Ainda não sei o que significa. Chega até mim esse nome e nada tenho a fazer com ele.

IV

Sinto-me sem a antiga segurança que vinha me acompanhando nos últimos tempos, desde a ida para Inglaterra. As certezas me abandonaram de vez. A mudança é latente. É trânsito. A libertação, o movimento de Euluilyos, o negro pássaro, o beira-rio Ipa, L.Cavas e eu mesmo corporificamos as vozes ouvidas-sentidas. Transformamos o corpo deste que digita – apenas digita, sonâmbulo. Aí é que mora o perigo: a intensidade solar vai obscurecer a sensibilidade irapi. É ducha de água fria vinda do familiar ascendente câncer. O sonâmbulo está assustado, não sabe como relaxar e deixar as eman’ações e as brisas passarem pelo corpo. Eu não sei. Estou apavorado com o que pode o porco-corpo. Até onde pode e o que pode sentir?

V

Refém dos meus próprios desejos. Refém daqueles que possibilitei usarem meu corpo – que nem tudo pode. Convoquei fantasmas pra conspirar contra eles e escrever através de uma voz coletiva. Vocês todos me traíram! Errei. Errei ao não preservar a individualidade do meu corpo e a minha independência. Como uma droga fui tragado e cheirado por vocês. Agora a sensação é de que não posso mais escolher. Quem vai decidir por mim? Até onde esses fantasmas vão me embriagar e se divertir com minhas angústias e agouros? A minha ululante gastrite passeia como um vírus letal pelo corpo-porco.

VI

Os espectros que invoquei vieram e abusaram e sem chão me deixaram. Bem-feito, não fui irônico, nem alegórico com eles. Levei-os a sério demais. Traidores!

6.2.Ares de Viagem

Rio de Janeiro, outubro de 2005

Sou filho do firmamento. Des-cubro minha pele e ela é branca. É branca-cinza. Olho no espelho e estou velho. É trans-torno. Tornado da velhice. Sou andarilho de trilhas e estradas. Sou lagarto em mutação, variando sua pele-cor. Vôo plainando e aguardando o momento oportuno. Me entoco em estado de crisálida, aguardando. Espero pacientemente. Sou ancião branco-cinza. Subo a árvore como um caramujo – vagorosamente. A chuva não me resfria e o sol não me queima, basta que eu respeite as suas leis. A natureza me envolve. Mergulho no rio e me perco em sua profundidade. Da superfície vejo o fundo. Desloco-me ou nado-vôo. Estive nos quatro cantos do mundo e há ainda tanto a experienciar. Sou jovem, ao mesmo tempo, em busca de sens'ações. O lagarto Maré troca a pele: é branco-cinza trans-tornado. Sei bem quem sou. A crisálida – já não é mais – seca as asas e prepara o primeiro decolar. Ela me arrasta com a força de sua brisa. E lá vou eu, sens'ações por vir e o colo do firmamento a me reconfortar. O que é isso? Ainda não sei e tão cedo não saberei. Sou da família San Carval.